

AILTON KRENAK: UMA PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA À HISTÓRIA INTELECTUAL

Ailton Krenak: a counter-hegemonic perspective on intellectual History

Ramon Nere de Lima

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

Este artigo explora as contribuições intelectuais de Ailton Krenak para a história política e intelectual, destacando como suas ideias questionam as tradições intelectuais ocidentais e oferecem uma visão de mundo alternativa e plural. Utilizando abordagens teóricas como a Semiótica da Cultura e a Análise do Discurso, o estudo analisa como Krenak, enquanto líder indígena e pensador, constrói um discurso que subverte as narrativas hegemônicas, promovendo uma lógica de resistência fundamentada na ancestralidade e no "bem viver". O artigo traça um delineamento da história política, diferenciando entre a "velha" e a "nova" história política, e discute a relevância da história das mentalidades e da história intelectual na compreensão das ideias de Krenak. Conclui-se que o pensamento de Krenak é crucial para a reconfiguração dos paradigmas de conhecimento, promovendo um diálogo global mais inclusivo e sustentável.

Palavras-Chave: Ailton Krenak; História Política; História Intelectual.

Abstract

The article explores Ailton Krenak's intellectual contributions to political and intellectual history, highlighting how his ideas challenge Western intellectual traditions and offer an alternative and plural worldview. Utilizing theoretical approaches such as Cultural Semiotics and Discourse Analysis, the study analyzes how Krenak, as an indigenous leader and thinker, constructs a discourse that subverts hegemonic narratives, promoting a logic of resistance grounded in ancestry and the concept of "good living." The article outlines the trajectory of political history, distinguishing between the "old" and "new" political history, and discusses the relevance of the history of mentalities and intellectual history in understanding Krenak's ideas. It concludes that Krenak's thought is essential for reconfiguring knowledge paradigms, promoting a more inclusive and sustainable global dialogue.

Keywords: Ailton Krenak; Political History; Intellectual History.

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce das reflexões propiciadas a partir de leituras e discussões desenvolvidas durante a disciplina de Teoria e Metodologia em História Política, ministrada pelo Prof. Dr. Luis Rosenfield, no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde foi dada ênfase questões relacionadas à História das Ideias, História dos Conceitos, História Intelectual dentre outras modalidades da história (Barros, 2012).

Desse modo, o objetivo deste estudo é analisar as contribuições intelectuais de Ailton Krenak desde a história política e intelectual, destacando como suas ideias, enquanto textos culturais, operam em um sistema de signos que questiona as tradições dominantes e apresenta uma visão de mundo plural. Nesse sentido, considerando o papel desempenhado por Ailton Krenak, escritor, líder e pensador indígena, na construção de uma contribuição intelectual contra-hegemônica, este estudo utilizará a Semiótica da Cultura para examinar como suas ideias emergem e se articulam dentro do contexto cultural indígena, revelando uma intertextualidade rica que dialoga com, mas também subverte, os discursos hegemônicos predominantes (Dabashi, 2015).

Adicionalmente, a Análise do Discurso (Orlandi, 2009), Pêcheux (2006) será empregada para explorar as práticas discursivas específicas de Krenak, destacando como ele utiliza a linguagem para construir uma narrativa que desafia a lógica imperialista tradicional e promove uma nova forma de racionalidade, que não se limita à Razão ocidental aplicada ao passado, mas que se fundamenta em uma outra tradição de raciocínio (Seth, 2021).

Assim, este estudo não propõe uma exclusão das perspectivas ocidentais, mas sim uma confluência que amplia a ótica analítica, permitindo um olhar mais plural sobre a história, ao mesmo tempo em que valoriza as óticas não europeias e as perspectivas contra-hegemônicas no contexto da história intelectual (Machado, 2021). Krenak emergiu como um pensador influente que, através de suas práticas discursivas e sua posição dentro de um sistema cultural indígena, oferece um pensamento originário, promovendo um diálogo plural e diverso que pode ser analisado dentro de um contexto da história intelectual em conexão com a história política.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este estudo adota uma abordagem pós/decolonial, em diálogo com as contribuições de Chakrabarty (2000), Dabashi (2015), Said (2005), Ngũgĩ wa Thiong'o (1986), Mignolo (2003), Bhabha (1998), Quijano (1992, 2005, 2015), Cusicanqui (2010), Grosfoguel (2008, 2016), além das perspectivas indígenas de Deloria Jr. (1979) e os desafios ao pensamento eurocêntrico presentes na obra de Krenak. Essa abordagem é enriquecida pela Semiótica da Cultura (2007), que permite explorar como os sistemas de signos presentes nas práticas culturais e intelectuais de Krenak operam de maneira a subverter e reconfigurar as tradições intelectuais dominantes.

A Semiótica da Cultura (2007) oferece ferramentas para analisar como as ideias de Krenak funcionam como textos culturais, inseridos em um sistema semiótico que desafia e

reinterpreta os discursos hegemônicos. Esse enfoque facilita a compreensão de como Krenak, ao articular suas ideias, participa de uma intertextualidade cultural que não apenas reflete, mas também contesta a lógica colonial e eurocêntrica. Assim, o estudo busca revelar as complexas redes de significação que emergem das contribuições de Krenak, destacando como essas redes se entrelaçam com a resistência cultural e discursiva, desafiando o monopólio da razão ocidental e promovendo um diálogo plural e contra-hegemônico.

Conforme comentado anteriormente, o estudo também dialoga com a Análise do Discurso (Orlandi, 2009), Pêcheux (2006) escritos por Ailton Krenak, incluindo seus livros e discursos, bem como em um exame crítico das contribuições intelectuais apresentadas em suas obras, “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), “A vida não é útil” (2020), “O amanhã não está à venda” (2020), “Caminhos para uma cultura do bem viver” (2020) e “Futuro ancestral” (2022).

Dessa forma, assim, se procura refletir num primeiro momento sobre o que é a história política e as diferenças entre a velha e a nova história política, suas características e alguns elementos que podem ser trabalhados dentro dela. Posteriormente, no segundo momento, faz-se um delineamento sobre a história das mentalidades e as possibilidades de investigar a obra do Krenak, em seguida, por fim, as diferenças entre a história intelectual e a história das ideias, e por fim, as possibilidades da contribuição intelectual de Ailton Krenak para uma história política através da interconexão com a história intelectual.

DA VELHA HISTÓRIA POLÍTICA À NOVA HISTÓRIA POLÍTICA

A história política é uma modalidade da história enquadrada como uma dimensão da história (Barros, 2012) que tem por estudo o poder. Nesse sentido, Barros (2012, p. 106-107), aponta que para classificação de um estudo dentro da história política é preciso que haja o enfoque no poder, e não apenas o poder estatal, mas até os micropoderes do cotidiano: “O que autoriza classificar um trabalho historiográfico dentro da História Política é naturalmente o enfoque no “Poder”. Mas que tipo de poder? Pode-se privilegiar desde o estudo do poder estatal até o estudo dos micropoderes que aparecem na vida cotidiana”.

Observa-se a centralidade do conceito de “poder”, assim, faz-se necessário aprofundar esse elemento para prosseguir na construção do entendimento do texto, trazendo um diálogo com a sociologia política. O “poder” se trata de “uma palavra complexa, polissêmica, que se

abre como campo de disputas para múltiplos sentidos e como objeto para multidiversificadas apropriações” (Barros, 2015, p. 4).

A partir disso, pode-se entender o poder, em um primeiro momento, como a “capacidade de produzir efeitos desejados”, assim, como um conceito social onde “refere-se à capacidade que indivíduos, grupos e sociedades têm de produzir os efeitos desejados. Dessa forma, não se trata de maneira alguma do conceito físico de poder” (Lacerda, 2016, p. 183-184). Logo, não se tem o conceito de poder deslocado da realidade social e nem reduzido ao elemento físico¹.

Em todas as sociedades, em todas as épocas e em todos os lugares, constata-se que indivíduos, grupos e sociedades conseguem modificar, ou orientar, a conduta de outros indivíduos, grupos e sociedades. Esse “modificar, ou orientar a conduta alheia” é o que genericamente chamamos de poder (Lacerda, 2016, p. 184).

Além disso, há dois importantes constituintes para que se tenha uma definição mais robusta do conceito de poder: a intencionalidade e a relacionalidade. O primeiro elemento, traz a ideia de que o poder está direcionado a alguma finalidade ou objetivo, com isso o exercício do poder não seria apenas uma ação isolada, mas teria uma orientação específica ou intenção por trás dele. Já a ideia que o poder consiste em relações ou algo relacional, consiste que o poder não se constitui por si mesmo, mas é intrinsecamente ligado às relações sociais e estruturas de uma determinada sociedade, ou seja, poder é um fenômeno dinâmico e interconectado, enraizado nas relações sociais e nas estruturas que moldam a vida em sociedade (Lacerda, 2016). Ainda se pode ressaltar as vertentes subjetivistas e objetivistas para análise do poder, que não serão apresentadas de maneira aprofundada por se constituírem como elementos transversais ao proposto neste estudo².

¹ Sem dúvida, indivíduos, grupos e sociedades podem lançar mão de objetos físicos para obter os efeitos desejados, mas estes referem-se ao comportamento de outros indivíduos, grupos e sociedades (Lacerda, 2016, p. 184).

² A subjetivista concentra-se na relação entre indivíduos ou entre indivíduos e grupos. Em qualquer uma dessas possibilidades, é possível determinar, pelo menos em princípio, quem exerce o poder sobre quem. Assim, a característica da intencionalidade é plenamente verificável. A vertente objetivista, por seu turno, concentra-se nas relações estabelecidas pelas estruturas sociais, pelas formas como as sociedades organizam-se em suas grandes linhas. Dessa forma, alguns comportamentos são favorecidos e outros são desprestigiados (quando não reprimidos), beneficiando alguns grupos em detrimento de outros grupos. O elemento intencional é bem menos evidente aí (se é que ele existe), mas, ainda assim, trata-se de relações sociais de poder (Lacerda, 2016, p.188).

Assim, sabendo o que seria a história política e elementos do poder, é importante delinear as diferenças entre a história política de “fôlego curto” e a “nova história política”. A “velha história política”, foi uma perspectiva predominante na historiografia europeia durante boa parte do século XIX e início do século XX. Durante esse momento, ela foi construída como narrativa de grandes eventos e sujeitos, tendo por base as fontes documentais, como leis, tratados e documentos oficiais, em sua maioria, ligadas ao estado. O foco principal era dado aos líderes, batalhas, tratados e eventos fundamentais para a construção e consolidação dos Estados-nacionais europeus.

O historiador Jacques Julliard (1988) fez críticas à história política, considerando-a como psicológica, elitista, biográfica, qualitativa, e focada no particular, ignorando elementos como condicionamentos sociais, as massas, análises a longo prazo e materiais concretos. Ela era considerada uma história factual, focada em fenômenos aparentes e imediatos, sem a profundidade necessária para ser considerada uma ciência ou ciência social.

Segundo Barros (2012), a partir dos anos 1980, a nova história política vai começar a se interessar por outros aspectos além daqueles colocados pela velha história política e pensar o poder em outras modalidades, o que inclui também os micropoderes da vida cotidiana, o uso político dos sistemas de representação entre outros aspectos que vão ser considerados.

Desse modo, prossegue o autor supramencionado, a partir dessa renovação dos estudos sobre a política. A história política também passará a incorporar um olhar voltado para a perspectiva da “história vista de baixo”, demonstrando uma preocupação com as grandes massas anônimas e com o indivíduo comum. Essa abordagem não apenas traz sujeitos historicamente marginalizados, mas também funciona como um índice de aspectos mais amplos que conectam as experiências individuais a processos coletivos mais amplos. Desse modo, essa nova história política vai tomar o sujeito comum como parte dessas análises não mais em sua excepcionalidade, como anteriormente eram tratadas as grandes figuras outrora.

[...] a Nova História Política que começa a se consolidar a partir dos anos 1980 passa a se interessar também pelo “poder” nas suas outras modalidades (que incluem também os micropoderes presentes na vida cotidiana, o uso político dos sistemas de representações, e assim por diante) [...] Para além disto, a Nova História Política passou a abrir um espaço correspondente para uma “História vista de Baixo”, ora preocupada com as grandes massas anônimas, ora preocupada com o “indivíduo comum”, e que por isto mesmo pode se mostrar como o portador de indícios que dizem respeito ao social mais amplo. Assim, mesmo quando a Nova História Política toma para seu objeto

um indivíduo, não visa mais a excepcionalidade das grandes figuras políticas que outrora os historiadores positivistas acreditavam ser os grandes e únicos condutores da História (Barros, 2012. p. 107).

Nesse sentido, no que tange ao objeto de estudo da história política “são todos aqueles que são atravessados pela noção de “poder”” (Barros, 2012, p. 107). Ela examina como as sociedades humanas organizam-se politicamente, desde as sociedades antigas até os Estados modernos. Isso envolve o estudo de governantes, políticos, partidos políticos, movimentos sociais e instituições políticas, bem como as ideias e ideologias que influenciaram as políticas ao longo do tempo.

No cerne da história política está a análise das mudanças na estrutura e no funcionamento dos sistemas políticos, bem como a exploração das motivações e ações dos atores políticos, sejam eles líderes, cidadãos comuns ou grupos organizados. Essa disciplina ajuda a lançar luz sobre o contexto em que as decisões políticas são tomadas, os desafios enfrentados pelos líderes políticos e como as políticas implementadas afetam a vida das pessoas.

Neste sentido, teremos de um lado aqueles antigos enfoques da História Política tradicional que, apesar de terem sido rejeitados pela historiografia mais moderna de a partir dos anos 1930, com as últimas décadas do século XX começaram a retornar com um novo sentido. À Guerra, a Diplomacia, as Instituições, ou até mesmo a trajetória política dos indivíduos que ocuparam lugares privilegiados na organização do poder — tudo isto começa a retomar a partir do final do século com um novo interesse. Do outro lado, além destes objetos que se referem às relações entre as grandes unidades políticas e aos modos de organização destas grandes unidades políticas que são os Estados e as Instituições, ganham especial destaque as relações políticas entre os grupos sociais de diversos tipos. À rigor, as “ideologias e os movimentos sociais e políticos (por exemplo as Revoluções) sempre constituíram pontos de especial interesse por parte da nova historiografia que se inicia com o século XX. Por outro lado, tal como já ressaltamos, hoje despertam um interesse análogo as relações interindividuais (micropoderes, relações no interior da família, relacionamentos intergrupais), bem como o campo das representações políticas, dos símbolos, dos mitos políticos, do teatro do poder, ou do discurso (Barros, 2012, p. 107-109).

Portanto, a história política, essa dimensão da história que estuda os processos relacionados ao poder através das sociedades, prioriza movimentos, sujeitos e instituições, permitindo uma compreensão mais profunda de suas relações. Desse modo, ao pensar nesses

processos de poder, pode-se considerar a possibilidade de estudar Ailton Krenak sob a ótica da história política.

Essa abordagem traz elementos para entender as relações intrínsecas do poder, vendo este sujeito como um sujeito político coletivo, cujos discursos e representatividade contribuem para a construção de uma movimentação que vai além do indivíduo e individualidade moderna que se expressa e manifesta suas ideias, em prol da luta conjunta mais ampla pelos direitos das populações originárias e um modo de vida sustentável.

HISTÓRIA DAS MENTALIDADES: POSSIBILIDADES ANALÍTICAS

Segundo Barros (2012, p. 37), a história das mentalidades dá foco à dimensão da sociedade relacionada ao mental e aos modos de sentir, assim, é um campo da historiografia que se concentra no estudo das mentalidades coletivas e individuais de pessoas em uma determinada época e contexto histórico. Essa abordagem busca compreender como as pessoas pensavam, sentiam e percebiam o mundo ao seu redor, bem como como essas mentalidades influenciavam seu comportamento e ações.

Devido à sua exploração ousada de certos temas até então incomuns, a História das Mentalidades produziu no seu nascedouro uma forte estranheza que logo despertaria acirradas polêmicas. Mas é muito importante ter em vista que a História das Mentalidades não pode ser definida essencialmente com base nestes novos domínios historiográficos que ela passou a privilegiar em um primeiro momento (Barros, 2012, p.39).

A partir do que foi mencionado acima, percebe-se, que no início de seu desenvolvimento, a História das Mentalidades provocou reações controversas e até mesmo desconcertantes devido à sua exploração ousada de temas que anteriormente não haviam sido amplamente abordados pela historiografia tradicional. No entanto, a ênfase da História das Mentalidades não deve ser baseada somente em novos temas que ela começou a investigar inicialmente. Logo, o campo não deve ser definido apenas pelas polêmicas e temas ousados que abordou no começo, mas sim pela sua abordagem fundamental de estudar as mentalidades das pessoas ao longo do tempo.

Dentre algumas características da História das Mentalidades, se tem o enfoque nas percepções e atitudes, ou seja, diferente da história tradicional focada em eventos e figuras

proeminentes, a história das mentalidades se interessa pelas maneiras como as pessoas comuns percebiam e interpretavam o mundo ao seu redor; uma temporalidade de duração: esta abordagem muitas vezes se concentra em mudanças e continuidades culturais ao longo de longos períodos, em vez de eventos específicos; a valorização da interdisciplinaridade, assim, utilizando métodos e teorias de outras disciplinas, como a psicologia, antropologia e sociologia, para entender melhor as mentalidades do passado; variedade de fontes: emprega uma ampla gama de fontes, incluindo literatura, arte, diários e registros oficiais, para acessar os pensamentos e sentimentos das pessoas do passado.

Nesse sentido, focando em Ailton Krenak, as possibilidades trazidas pela História das Mentalidades seriam as mais diversas como a compreensão do contexto histórico-cultural, a análise de temas ambientais e indígenas, os estudos das narrativas e simbolismos e relações entre movimentos sociais e políticos. São alguns elementos que podem ser elencados ao utilizar a História das Mentalidades como elemento teórico norteador para a investigação histórica deste objeto/sujeito de pesquisa.

Por conseguinte, nota-se que Krenak por vir de uma perspectiva indígena, desafia muitas normas e as formas de pensar predominantes na sociedade brasileira. A história das mentalidades pode ajudar a entender como suas ideias se relacionam, desafiam ou se entrelaçam com as crenças e percepções predominantes em diferentes períodos da história brasileira, principalmente a história brasileira no período de final da ditadura civil-militar e a movimentação indígena pela constitucionalização de seus direitos na Constituição Federal de 1988.

Ao analisar como as mentalidades em relação aos direitos indígenas e à conservação ambiental se modificaram, especialmente em contextos políticos e sociais, pode-se entender melhor a relevância e o impacto do trabalho de Krenak nessas áreas. A partir disso, a história das mentalidades oferece uma possibilidade através da qual a obra e o pensamento de Ailton Krenak podem ser examinados, proporcionando elementos interessantes sobre como suas ideias interagem com, e são influenciadas por, mudanças mais amplas nas atitudes e percepções culturais e históricas.

Para além das trilhas possíveis na análise do pensamento de Krenak, também existem as dificuldades em utilizar a História das Mentalidades dentro deste estudo e devem ser ponderadas, como a complexidade cultural e contextual, o viés e a interpretação; as mudanças nas mentalidades ao longo dos anos e a sensibilidade cultural e ética.

Por conseguinte, a obra de Krenak está profundamente enraizada na cultura e na história indígena, que pode ser muito diferente daquela dos não indígenas. Isso pode apresentar desafios na interpretação de suas ideias e narrativas sem um entendimento profundo desses contextos culturais. Há o risco de interpretações enviesadas ou equivocadas, especialmente quando não se está familiarizado com os contextos históricos e culturais específicos dos povos indígenas, levando dessa forma a mal-entendidos sobre as intenções e mensagens de Krenak.

Dessa maneira, a partir do exposto, se tem com a História das Mentalidades a possibilidade de observar como as pessoas em diferentes períodos históricos pensavam, sentiam e percebiam o mundo ao seu redor e nesse sentido, é uma possibilidade de para analisar a obra e as contribuições do Ailton Krenak. No entanto, existem algumas dificuldades que precisam ser consideradas para realização da investigação histórica.

HISTÓRIA INTELECTUAL E HISTÓRIA DAS IDEIAS: CARACTERÍSTICAS E DIFERENÇAS

Segundo Wasserman (2015, p. 66), há várias abordagens e formas de definir a história intelectual, no entanto, em consonância com o estudo da disciplina, adota-se o que ela chama de “eixo Cambridge-Baltimore”, que “está baseada na tradição da filosofia da linguagem, segundo a qual o discurso intelectual precisava ser interpretado a partir dele mesmo, das intenções e do contexto de enunciação”.

Entre os historiadores mais influentes no campo da história intelectual estão Quentin Skinner e J.G.A. Pocock. Skinner (2017), em particular, é conhecido por sua abordagem contextualista, argumentando que as ideias devem ser compreendidas no contexto de sua época para serem plenamente apreciadas. Pocock (2003), por sua vez, enfatizou a importância da linguagem e do discurso na formação das ideias políticas.

A História das Idéias é um domínio que conquistou a sua perenidade desde o princípio do século XX. Passou por variações no que se refere às concepções das diversas gerações de historiadores das idéias, mas sem sombra de dúvida conquistou o seu lugar no Campo da História. Assim, no decorrer século XX foi possível assistir ao desenrolar de uma rica trajetória que partiu da História das Idéias desencarnada de um contexto social – e que atinge a sua proeminência entre as décadas de 1940 e 1950 – a uma verdadeira História Social das Idéias, onde é tarefa primordial do historiador compreender e constituir um contexto social adequado antes de se tornar íntimo das idéias que pretende examinar (Barros, 2005, p. 15).

A história das ideias é um domínio da história que desde o começo do século XX foi passando por várias modificações de várias concepções de historiadores das ideias. Segundo Wasserman (2015, p. 65), diz respeito aos estudos transhistóricos de ideias-unidade, realizados por “Arthur O. Lovejoy (1873-1962), que fundou o Clube da História das Ideias e o *Journal of the History of Ideas*, na John Hopkins University”.

Wasserman (2015, p. 65) ainda acrescenta que “Lovejoy buscava estudar as ideias e suas transformações através do tempo, espaço e culturas. Uma derivação dessa abordagem é a que se refere à história das ideias políticas, filosóficas, sociais etc.” Isso difere da abordagem contextualista da história intelectual, que coloca maior ênfase na compreensão das condições específicas e dos processos históricos que dão forma às ideias.

Portanto, enquanto a história das ideias foca na trajetória de ideias específicas através do tempo e do espaço, a história intelectual investiga a interação entre ideias, autores e o contexto histórico mais amplo. Esta distinção reflete não apenas diferentes métodos de análise, mas também diferentes compreensões sobre como as ideias moldam e são moldadas pela história. Nesse sentido, após o delineamento do que se constitui as duas modalidades da história e suas diferenças, no tópico seguinte será tratado algumas ideias a partir do pensamento de Ailton Krenak como possibilidades analíticas dentro da ótica da história intelectual em interconexão com a história política.

AILTON KRENAK: O SUJEITO POLÍTICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES INTELECTUAIS À HISTÓRIA POLÍTICA

Segundo Machado (2021), há a construção da ideia de 'Periferia Intelectual', que desafia as hierarquias postuladas na construção do conhecimento “norte/eurocentrados”. Essa ideia é reconhecida como pertencente a autores marginais que, muitas vezes, desafiam ou partem de outros pressupostos além daqueles cultivados nas autoridades centrais, questionando as hierarquias estabelecidas e propondo ideias alternativas. Ele sugere também que a história desses intelectuais à margem é comparável às anotações feitas à margem dos textos, que oferecem novas interpretações e desafios aos cânones estabelecidos.

Portanto, pensar sobre esses intelectuais à margem envolve uma reflexão sobre vidas e obras produzidas fora dos grandes centros de poder, que desafiam a colonialidade do ser, do saber e do poder manifestas nas noções norte/eurocêntricas de erudição e

intelectualidade. Com isso, surge a necessidade de reconsiderar a concepção “norte/eurocêntrica” e universalista de intelectual, destacando uma história desses intelectuais localizados à margem do sistema mundial com suas contribuições para pensar questões “glocais”.

Isso amplia a perspectiva da historiografia que trabalha com a intelectualidade, ao considerar obras e ideias produzidas fora do establishment, por autores que partem de outras epistemologias, construindo saberes a partir de diferentes entendimentos sobre a relação com a sociedade, a natureza e o mundo imaterial.

Nesse contexto, que pode-se pensar as contribuições intelectuais de Ailton Krenak para à história política também em diálogo com os elementos postulados pelo norte global, pois como foi apontado por Miglievich-Ribeiro (2014), não se tem a pretensão de essencializar o Sul, ou seja, cair em simplificações e homogeneizações deste aspecto enunciativo, mas há possibilidades de conexões do elemento principal do presente estudo com construções de conhecimento do norte global, não se trata de essencializar uma perspectiva teórica ao pensar a intelectualidade à margem e renegar os conhecimentos ocidentais, trata-se mais de possibilidades analíticas e contextualização de categorias explicativas para novos cenários e agentes, uma ressignificação dos sujeitos, saberes e poderes, onde se quebra com a dicotomia e hierarquia entre os pólos antagônicos³.

Nesse sentido, se traz a contextualização de quem é Ailton Krenak. Ailton Krenak é um líder indígena, escritor, ambientalista e pensador brasileiro, nascido em 1953, no estado de Minas Gerais. Ele é membro do povo Krenak e tem desempenhado um papel fundamental na luta pelos direitos dos povos originários no Brasil e na promoção da conscientização ambiental⁴.

³ Faça notar, de antemão, que não haveria também qualquer pretensão essencialista ao se falar em Sul. Ao ressaltar a face oculta da modernidade – a colonialidade – não se despreza a cosmologia moderna que moldou valores tais quais liberdade, igualdade, democracia ou os direitos humanos ou propõe um saber dos povos do sul contra os saberes produzidos no mundo do norte, mas exige, de um lado, a contextualização das categorias explicativas (e normativas) até então naturalizadas como absolutas, exibindo a necessidade de sua tradução para os novos cenários cujos agentes, portadores de outros repertórios, virão ressignificar seus conteúdos (Miglievich-Ribeiro, 2014, p. 68).

⁴ Ailton Krenak é líder indígena, ambientalista e escritor. Nasceu em 1953 no estado de Minas Gerais, na região do Médio Rio Doce. Aos dezessete anos de idade, mudou-se com sua família para o estado do Paraná, onde se alfabetizou e se tornou produtor gráfico e jornalista. Na década de 1980, passou a dedicar-se exclusivamente ao movimento indígena. Em 1985, fundou a organização não governamental Núcleo de Cultura Indígena, que visa promover a cultura indígena. Foi durante a Assembleia Constituinte, em 1987, que Ailton protagonizou uma das cenas mais marcantes da mesma: em discurso na tribuna, vestido com um terno branco, pintou o rosto com tinta preta para protestar contra o que considerava um retrocesso na luta pelos direitos indígenas. Em 1988,

Krenak ficou amplamente conhecido por seu ativismo em prol dos direitos indígenas e por seu discurso eloquente sobre as questões ambientais e sociais que afetam as comunidades indígenas e o meio ambiente. Ele é autor de livros influentes, como "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" (2019) e "A Vida não é Útil" (2020), "O amanhã não está à venda" (2020), "Caminhos para uma cultura do bem viver" (2020) e "Futuro ancestral" (2022), nos quais aborda temas relacionados à preservação da natureza, à valorização das culturas indígenas e à crítica à sociedade de consumo.

Ailton Krenak é um forte defensor da sustentabilidade ambiental, destacando o papel crucial dos povos indígenas na proteção do meio ambiente e na promoção de práticas mais sustentáveis de interação com a natureza (Krenak, 2022). Suas ideias podem ser compreendidas à luz de uma abordagem pós/decolonial, que desafia as narrativas coloniais e eurocêntricas sobre desenvolvimento e progresso.

A partir da Semiótica da Cultura (2007), essas ideias podem ser vistas como parte de um sistema semiótico alternativo, onde os signos e símbolos indígenas se contrapõem e ressignificam os discursos hegemônicos do capitalismo predatório. Esse contraste revela um diálogo profundo com autores pós/decoloniais, como Mignolo (2003) e Quijano (1992), que criticam a colonialidade do poder e a imposição de um único modelo de desenvolvimento.

Além disso, Krenak (2020) promove a ideia da "cultura do bem viver", em que todos fazem parte de uma comunidade global consciente de sua interdependência com o planeta. Essa visão, que ecoa os princípios do pensamento pós/decolonial de autores como Cusicanqui (2010) e Dabashi (2015), sugere uma ruptura com a racionalidade moderna ocidental, propondo um novo paradigma de convivência que enfatiza a solidariedade, a ação coletiva e o respeito às tradições culturais.

Ainda, utilizando a Análise do Discurso (Orlandi, 2009; Pêcheux, 2006), podemos examinar como Krenak constrói um discurso que não apenas questiona as bases ideológicas do capitalismo, mas também oferece uma nova narrativa de resistência, onde a ancestralidade e o bem viver servem como fundamentos para uma nova lógica de existência. Esse discurso,

participou da fundação da União dos Povos Indígenas, organização que busca representar os interesses indígenas no cenário nacional. Em 1989, participou da Aliança dos Povos da Floresta, movimento que busca o estabelecimento de reservas naturais na Amazônia onde fosse possível a subsistência econômica através da extração do látex da seringueira, bem como da coleta de outros produtos da floresta. Retornou a Minas Gerais, onde passou a se dedicar ao Núcleo de Cultura Indígena. Desde 1998, a organização realiza, na região da Serra do Cipó, em Minas Gerais, um festival idealizado por Ailton: o Festival de Dança e Cultura Indígena, promovendo a integração entre as diferentes populações indígenas (Krenak, 1987, p. 422).

por sua vez, se articula como uma prática discursiva contra-hegemônica, inserindo-se no contexto mais amplo das lutas decoloniais para redefinir as relações entre seres humanos e a natureza.

As ideias de Ailton Krenak transcendem o movimento indígena, impactando a sociedade brasileira de maneira ampla ao gerar maior visibilidade para as questões indígenas e ao destacar a urgência de preservar o meio ambiente e valorizar a diversidade cultural (Krenak, 2019). Quando analisadas através da lente da Semiótica da Cultura (2007), essas ideias podem ser interpretadas como "textos" culturais que circulam dentro da sociedade, interagindo com outros discursos e desafiando as narrativas hegemônicas sobre modernidade e progresso. Essa circulação e interação ressoam com as críticas pós/decoloniais de autores como Chakrabarty (2000) e Said (2005), que enfatizam a necessidade de descentrar a história e a epistemologia europeias, promovendo uma pluralidade de vozes e perspectivas.

Por fim, as ideias de Ailton Krenak são fundamentais para ampliar a conscientização sobre as questões indígenas no Brasil e no mundo. Elas incentivam a reflexão sobre como a sociedade moderna pode aprender com os conhecimentos e experiências dos povos indígenas para construir um mundo mais sustentável, justo e inclusivo, respeitando a ancestralidade como um pilar fundamental para garantir o futuro das sociedades e do planeta Terra (Krenak, 2022).

Portanto, ao integrar as perspectivas da Semiótica da Cultura e da Análise do Discurso com os diálogos pós/decoloniais, este estudo não só destaca a importância das contribuições de Krenak, mas também amplia a discussão sobre como essas ideias podem ser utilizadas para “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019) em uma perspectiva de um “futuro ancestral” (Krenak, 2022), que privilegia a pluralidade cultural e a sustentabilidade ecológica como princípios fundamentais.

REFLEXÕES E PERSPECTIVAS: CONTRIBUIÇÕES DE AILTON KRENAK PARA ESCRITA DA HISTÓRIA

Embora as obras de Ailton Krenak, incluindo como "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" (2019) e "A Vida não é Útil" (2020), "O amanhã não está à venda" (2020), "Caminhos para uma cultura do bem viver" (2020) e "Futuro ancestral" (2022) já tenham sido mencionadas anteriormente, neste momento, passam a ser analisadas de maneira mais detalhada. Ele articula uma narrativa que subverte paradigmas antropocêntricos e convida à construção de

futuros sustentáveis, ancorados em ética, reciprocidade e ancestralidade. Essa produção literária, filosófica e política não só amplia os horizontes da historiografia brasileira, como também oferece caminhos alternativos para repensar as relações humanas com o planeta em tempos de crise ecológica e social.

A obra *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), de Ailton Krenak, apresenta uma crítica incisiva às estruturas que sustentam o pensamento antropocêntrico e a exploração desenfreada do meio ambiente. Por meio de uma narrativa permeada por reflexões filosóficas e cosmológicas, Krenak propõe um deslocamento radical da humanidade em direção a um modo de existência que valorize a interdependência entre humanos e não-humanos.

Krenak desafia a concepção moderna de humanidade ao questionar a narrativa hegemônica que separa natureza e cultura. Ele afirma: “Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso [...] passamos a pensar que [a Terra] é uma coisa e nós, outra” (Krenak, 2019, n.p.). Essa observação revela a desconexão estrutural que fundamenta as crises ambientais e sociais contemporâneas, posicionando-as como resultado de um imaginário coletivo que privilegia o consumo e a acumulação em detrimento do equilíbrio ecológico.

A partir de uma perspectiva crítica, o autor expõe como o progresso civilizacional promoveu um estado de alienação. Ele denuncia que “a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a Terra” (Krenak, 2019, n.p.), evidenciando as consequências devastadoras da modernidade sobre os ecossistemas e os modos de vida tradicionais. Essa análise ressoa na semiótica da cultura (2007), pois enfatiza o câmbio de significados simbólicos e práticos que conectam as comunidades humanas a seus ambientes naturais.

No contexto da análise do discurso, Krenak utiliza uma linguagem performativa e crítica para convocar uma transformação ética. Ele propõe: “Talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos” (Krenak, 2019, n.p.). Essa metáfora não apenas questiona a ideia de controle absoluto sobre o destino humano, mas também oferece um convite à reinvenção de formas de vida baseadas na pluralidade e na criatividade.

Além disso, o autor reposiciona os povos indígenas como detentores de um conhecimento crucial para a sustentabilidade planetária. Ele afirma que “os povos originários [...] guardam a memória profunda da terra” (Krenak, 2019, n.p.), valorizando suas práticas e

cosmologias como alternativas viáveis à crise global. Essa perspectiva amplia o escopo da historiografia ao integrar epistemologias contra hegemônicas que historicamente foram marginalizadas.

A obra também apresenta uma crítica ao mito da sustentabilidade, visto como uma justificativa para a continuidade do extrativismo e da mercantilização da natureza. Krenak argumenta: “Estar com aquela turma [discutindo desenvolvimento sustentável] me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza” (Krenak, 2019, n.p.). Essa visão desconstrói as narrativas que mascaram a exploração econômica sob o discurso de responsabilidade ambiental.

Por fim, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019) propõe uma revisão radical das noções de progresso e humanidade, convidando os leitores a repensarem sua relação com a Terra e com os outros seres vivos. Sua abordagem crítica e poética desafia os pressupostos da modernidade, oferecendo uma visão mais inclusiva e ética para o futuro. Krenak demonstra que a história pode ser um instrumento não apenas de registro, mas também de transformação e resistência.

Ainda a obra *A vida não é útil* (2020), por sua vez, constitui uma contribuição significativa para a historiografia brasileira ao articular uma crítica incisiva às estruturas de poder e aos paradigmas culturais ocidentais. Sob a perspectiva da semiótica da cultura e da análise do discurso, o autor desafia as hierarquias antropocêntricas e colonialistas que sustentam a modernidade, propondo alternativas baseadas em cosmologias indígenas e modos de vida integrados à natureza.

Krenak constrói sua narrativa evocando metáforas e discursos que transcendem as fronteiras do pensamento ocidental. Ele critica, por exemplo, a noção de progresso e a obsessão humana por controle e acumulação: “Essa gente que detém a riqueza é capaz de, descaradamente, ter centros onde não enfrentarão problemas com doença alguma [...] O que eles não sabem é que a fonte de energia para o bunker secreto deles também pode ser desligada” (Krenak 2020, n.p.). Essa observação ilustra como o autor utiliza a linguagem para desconstruir o discurso dominante, revelando as contradições de um sistema que privilegia poucos em detrimento do equilíbrio planetário.

Sob a ótica da *Análise do Discurso* (Orlandi, 2009; Pêcheux, 2006), Krenak mobiliza categorias simbólicas que desestabilizam a naturalização da separação entre humano e natureza. Ele propõe que “tudo é natureza”, afirmando que a humanidade, ao se desconectar

dessa unidade, criou um modo de vida destrutivo e alienado (Krenak 2020, n.p.). Essa visão dialoga diretamente com a Semiótica da Cultura (2007) ao considerar os sistemas culturais como inseparáveis dos ecossistemas que os sustentam, enfatizando a interconexão entre linguagem, cultura e ambiente.

A obra também contribui para a historiografia ao reposicionar os povos indígenas como protagonistas epistêmicos. Krenak evidencia o valor das cosmologias ameríndias, como a percepção do sonho como uma "instituição" que conecta o indivíduo ao coletivo e à natureza. Ele relata a advertência dos pajés: "Vocês precisam tomar cuidado porque o mundo dos brancos está invadindo a nossa existência" (Krenak 2020, n.p.). Essa denúncia da violência epistemológica e territorial do colonialismo amplia o escopo da historiografia brasileira ao incluir narrativas contra-hegemônicas que historicamente foram marginalizadas.

Ademais, Krenak utiliza uma crítica performativa para questionar a modernidade capitalista. Ele descreve o consumismo como uma forma de dopamina coletiva que afasta os seres humanos de seus elementos constitutivos: "Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra" (Krenak 2020, n.p.). Essa metáfora revela, no discurso, o efeito anestésico do capitalismo e da globalização, propondo a desaceleração como forma de resistência e reconexão.

No contexto da Semiótica da Cultura (2007), a obra também reflete sobre os símbolos que sustentam a colonialidade. A metáfora do rio Doce, devastado pela mineração, simboliza a ruptura entre o humano e a natureza, funcionando como um "espelho na vida" que Krenak utiliza para evocar uma consciência ecológica e espiritual (Krenak 2020, n.p.). Essa abordagem propõe uma leitura crítica das práticas econômicas e políticas contemporâneas, desafiando a naturalização do desenvolvimento como progresso.

Por fim, a obra apresenta uma proposta radical de reimaginar a humanidade. Krenak sugere que a pandemia e outras crises contemporâneas são convites para uma transformação profunda: "O mundo está agora numa suspensão [...] É como um anzol nos puxando para a consciência" (Krenak 2020, n.p.). Ao articular sua visão com conceitos de temporalidade não linear e com narrativas indígenas sobre a origem e o futuro, o autor amplia os horizontes da historiografia ao propor uma reconfiguração simbólica e prática da relação entre história, cultura e natureza.

Assim, *A vida não é útil* (2020) não apenas questiona as premissas fundacionais da modernidade, mas também sugere caminhos alternativos, fundados na valorização das epistemologias indígenas e na crítica ao colonialismo. A obra contribui para a historiografia brasileira ao desafiar as fronteiras disciplinares e propor uma escrita histórica que integra humanidade, natureza e pluralidade cultural.

Já em *O amanhã não está à venda* (2020), Krenak desconstrói os paradigmas ocidentais que naturalizam a exploração ambiental e a exclusão social, propondo uma visão que valoriza a interdependência entre humano e não-humano. Ele denuncia o impacto do modelo de desenvolvimento hegemônico, que dissocia a humanidade da natureza, criando uma “abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida” (Krenak, 2020, n.p.). A partir dessa reflexão, sua obra dialoga com a *Semiótica da Cultura* (2007) ao enfatizar como os sistemas simbólicos dominantes marginalizam outras formas de conhecimento e existência, como as cosmologias indígenas.

O discurso de Krenak articula metáforas e imagens que revelam as contradições do mundo moderno. Ele afirma, por exemplo, que a pandemia é “um anzol nos puxando para a consciência” (Krenak, 2020, n.p.), sugerindo que crises globais são oportunidades para repensar os fundamentos das nossas práticas sociais e econômicas. Essa abordagem performativa demonstra como o discurso é utilizado para convocar o leitor a uma transformação ética e prática, destacando o papel da linguagem na construção de novas possibilidades de futuro.

Uma das críticas centrais da obra é direcionada ao que Krenak coloca como “exercício da necropolítica”, definida como uma lógica de poder que decide “quem deve viver e quem pode morrer” (Krenak, 2020, n.p.). Essa análise discursiva revela como a linguagem política e institucional pode ser utilizada para legitimar desigualdades, expondo os impactos destrutivos dessas narrativas sobre comunidades vulneráveis e o meio ambiente.

Krenak também questiona o conceito de humanidade universalizada, destacando a existência de uma “sub-humanidade” composta por grupos marginalizados que permanecem conectados aos ritmos da Terra. Ele afirma: “Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam se manter agarrados nessa Terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta” (Krenak, 2020, n.p.). Essa visão amplia os horizontes da historiografia ao reposicionar essas populações como protagonistas epistêmicos e detentoras de saberes indispensáveis para a sustentabilidade planetária.

Por meio de *O amanhã não está à venda* (2020), Krenak oferece uma visão que transcende os limites da historiografia tradicional. Sua obra não apenas denuncia as falácias do sistema capitalista, mas também propõe alternativas baseadas na valorização da diversidade e na ressignificação das relações humanas com o mundo natural. Assim, Krenak contribui para uma historiografia que não apenas registra eventos, mas também interroga seus fundamentos e promove uma transformação ética e cultural.

Seu texto *Caminhos para a Cultura do Bem Viver* (2020), de Ailton Krenak, destaca-se como uma reflexão crítica e poética sobre a interconexão entre humanidade, natureza e modos de vida sustentáveis. Inspirando-se no conceito andino de Sumak Kawsay ou Buen Vivir, Krenak reinterpreta essa cosmovisão à luz das urgências contemporâneas, propondo uma alternativa ao modelo predatório da modernidade ocidental. Sob a ótica da *Semiótica da Cultura* (2007) e da *Análise do Discurso* (Orlandi, 2009; Pêcheux, 2006), sua narrativa aponta para a necessidade de repensar as estruturas simbólicas que sustentam o capitalismo global.

Krenak problematiza a ideia de progresso e bem-estar como conceitos individualistas e desvinculados da ecologia planetária. Ele afirma que “o Bem Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver” (Krenak, 2020, n.p.). Essa perspectiva reflete um compromisso ético que transcende as categorias econômicas, propondo uma relação de reciprocidade com o planeta. Sob a *Semiótica da Cultura* (2007), essa abordagem retoma sistemas simbólicos alternativos que desafiam a hegemonia do consumo e da acumulação.

O discurso de Krenak também desconstrói a dicotomia entre humano e natureza, ao enfatizar que “nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do planeta Terra” (Krenak, 2020, n.p.). Essa afirmação evidencia uma visão holística que reconhece a Terra como um organismo vivo, ou Gaia, com a qual a humanidade compartilha uma relação intrínseca. Esse entendimento desestabiliza as narrativas hegemônicas que tratam a natureza como um recurso a ser explorado, contribuindo para uma reconfiguração simbólica das relações socioambientais.

Um dos momentos mais marcantes da obra é a crítica à sustentabilidade enquanto vaidade pessoal: “Sustentabilidade não é uma coisa pessoal. Ela diz respeito à ecologia do lugar em que a gente vive, ao ecossistema que a gente vive” (Krenak, 2020, n.p.). Aqui, Krenak expõe as contradições do discurso contemporâneo sobre sustentabilidade, revelando como ele frequentemente mascara práticas predatórias. Sua análise discursiva sugere que a

sustentabilidade verdadeira exige uma transformação estrutural, baseada em uma ética coletiva e planetária.

Além disso, Krenak incorpora a noção de ancestralidade como parte fundamental do Bem Viver. Ele argumenta que “nossos ancestrais não são só a geração que nos antecedeu agora, [...] mas uma grande corrente de seres que já passaram por aqui” (Krenak, 2020, n.p.). Essa visão amplia a compreensão do tempo histórico, integrando-o a uma narrativa cíclica que valoriza a continuidade das práticas culturais e a memória coletiva.

Por fim, a obra convoca os educadores a repensarem seu papel na formação de uma humanidade conectada com a Terra. Krenak enfatiza que “nós não podemos mais continuar atendendo a esse pedido do mercado de formar profissionais, [...] temos que ajudar a formar seres humanos para habitar uma Terra viva” (Krenak, 2020, n.p.). Essa crítica à instrumentalização da educação reflete uma busca por formas pedagógicas que privilegiem a construção de corpos vivos em interação com um planeta vivo.

Assim, *Caminhos para a Cultura do Bem Viver* (2020) não apenas desafia as premissas da modernidade, mas também propõe caminhos alternativos fundamentados na ética, na reciprocidade e na ancestralidade. Ao desconstruir discursos hegemônicos e resgatar cosmologias indígenas, Krenak oferece uma contribuição vital para a historiografia e para as reflexões sobre o futuro da humanidade e do planeta.

Por fim *Futuro Ancestral*, de Ailton Krenak, apresenta uma reflexão profunda e crítica sobre a relação entre humanidade, natureza e tempo. Utilizando uma linguagem poética e permeada por cosmologias indígenas, Krenak constrói um discurso que subverte o paradigma antropocêntrico dominante e propõe a ideia de um futuro que resgata as conexões com o passado ancestral. Assim, a obra destaca-se como uma contribuição fundamental para a historiografia brasileira e para os debates contemporâneos sobre sustentabilidade e diversidade cultural.

Krenak utiliza a metáfora dos rios como um símbolo central de resistência e memória coletiva. Ele afirma: “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, n.p.). Essa visão ressignifica o conceito de temporalidade, ao propor que o futuro não é uma projeção linear, mas uma continuidade cíclica enraizada na relação simbólica entre humanos e não-humanos.

A Análise do Discurso (Orlandi, 2009; Pêcheux, 2006) revela como a obra articula a crítica ao capitalismo e ao colonialismo, desnudando suas consequências destrutivas. Krenak denuncia a exploração incessante dos recursos naturais e a desconexão das cidades com os ambientes naturais, observando que “a urbanidade institui um modo de vida que já está sendo chamado de necrocapitalismo” (Krenak, 2022, n.p). Ao expor as contradições das sociedades urbanas modernas, o autor questiona a lógica de progresso que marginaliza os conhecimentos tradicionais e esgota os ecossistemas.

A Semiótica da Cultura (2007) é mobilizada de forma notável na narrativa ao integrar práticas e cosmologias indígenas como contrapontos à lógica desenvolvimentista. Em um momento particularmente revelador, Krenak descreve o ritual dos Tikmu’un (Maxakali), em que os rios e as florestas são tratados como seres vivos que comunicam sabedoria e resistência: “Eles são capazes de restituir toda a fauna e a flora de um lugar onde quase não existem mais bichos e plantas” (Krenak, 2022, n.p). Esse exemplo ilustra como os sistemas simbólicos indígenas preservam não apenas memórias ancestrais, mas também práticas sustentáveis para a convivência ecológica.

Por meio de sua linguagem performativa, Krenak propõe a ideia de “alianças afetivas”, que se opõem às convergências impostas pelo pensamento hegemônico. Ele sugere que “esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser” (Krenak, 2022, n.p). Essa perspectiva desafia a homogeneização cultural e valoriza a pluralidade como elemento crucial para a construção de um futuro sustentável e inclusivo.

No contexto da historiografia, Futuro Ancestral (2022) amplia os horizontes interpretativos ao integrar epistemologias indígenas como ferramentas teóricas e narrativas. Krenak demonstra que a história pode ser um instrumento de transformação, ao invés de um simples registro de eventos, ao afirmar: “Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito” (Krenak, 2022, n.p). Essa convocação simbólica representa um chamado à reconexão com a Terra e com os saberes ancestrais. Assim, Futuro Ancestral (2022) emerge como uma obra que transcende os limites da crítica ambiental e cultural, oferecendo uma visão que integra história, cosmologia e ética. Sua abordagem interdisciplinar não apenas denuncia os problemas da modernidade, mas também inspira novos caminhos para repensar a relação entre humanidade e planeta, fundamentados em práticas e saberes ancestrais.

Portanto, as reflexões de Ailton Krenak, interligadas em suas obras, representam um convite à revisão crítica dos fundamentos da modernidade e à construção de uma nova ética planetária. Sua escrita resgata práticas ancestrais, valoriza cosmologias indígenas e propõe uma ruptura com a lógica predatória que domina as relações humanas e socioambientais. Ao tratar a Terra como um organismo vivo e destacar a necessidade de equilíbrio entre o que a humanidade retira e devolve à natureza, Krenak apresenta uma narrativa transformadora que transcende os limites disciplinares. Suas contribuições reforçam que o futuro não deve ser pensado como mera continuidade do presente, mas como um espaço de possibilidades fundado no Bem Viver, na sustentabilidade coletiva e no respeito à diversidade cultural e ecológica. Ao integrar crítica social, poética e ancestralidade, os textos de Krenak tornam-se fundamentais para repensar os caminhos da humanidade em um momento decisivo para o planeta e outras possibilidades de escrita da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a análise das contribuições intelectuais de Ailton Krenak revela uma perspectiva filosófica profundamente enraizada em sua herança originária do povo Krenak, destacando a interconexão indissociável entre seres humanos e natureza, a preservação ambiental como um imperativo ético, o respeito à diversidade cultural como fundamento de uma sociedade justa, e uma crítica incisiva ao antropocentrismo e ao modelo de desenvolvimento capitalista.

Para compreender plenamente a riqueza e a profundidade de suas ideias, foi necessário traçar um delineamento da história política, abrangendo desde a constituição e consolidação do conceito de "poder", até a diferenciação entre a "velha história política" e a "nova história política", evidenciando como esta última amplia as possibilidades de estudo ao incorporar elementos culturais, sociais e ideológicos na análise dos fenômenos históricos. Além disso, a análise considerou a aplicabilidade da história das mentalidades como ferramenta metodológica para explorar as ideias e o pensamento de Ailton Krenak, reconhecendo as nuances e as complexidades que permeiam seu discurso.

Ademais, ao discutir as diferenças entre história das ideias e história intelectual, optou-se por adotar a última como um caminho analítico mais adequado para investigar o pensamento de Krenak. A história intelectual, com sua ênfase na contextualização histórica

das ideias e no papel dos intelectuais como agentes de mudança, permite uma abordagem mais integradora e multidimensional, que não apenas reconhece as especificidades do pensamento indígena, mas também o posiciona dentro de um diálogo mais amplo e global.

A partir do exposto, fica evidente que as ideias de Ailton Krenak questionam as tradições intelectuais ocidentais ao oferecer uma perspectiva não europeia que enriquece significativamente o diálogo global sobre questões ambientais, culturais e éticas. Sua obra exemplifica como pensadores não europeus podem contribuir de maneira substancial para a história intelectual, trazendo à tona saberes e práticas que questionam e subvertem as narrativas hegemônicas. Através das interconexões entre a história política e a história intelectual, as ideias de Krenak abrem novas possibilidades para a construção de um conhecimento mais plural, inclusivo e sustentável.

Assim, ao situar Krenak dentro desse contexto teórico-metodológico, se reconhece não apenas a originalidade e relevância de suas contribuições, mas também a urgência de considerar tais perspectivas como centrais para os debates contemporâneos. Seu pensamento não se limita a uma crítica do presente; ele projeta possibilidades para futuros mais justos e equilibrados, alicerçados na sabedoria ancestral e na interdependência entre todas as formas de vida. Dessa forma, Ailton Krenak emerge como um intelectual cuja obra é imprescindível para a reconfiguração dos paradigmas de conhecimento e para a construção de um mundo que valorize a diversidade, a sustentabilidade e a justiça social.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D.'Assunção. *História cultural e história das idéias*. Diálogos historiográficos. Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias, 2005, 21: 259-286.
- BARROS, José D.'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Editora Vozes Limitada, 2012.
- BARROS, José D'Assunção. *História Política - Dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário*. Revista Escritas, [S. l.], v. 1, 2015. DOI: 10.20873/vol1n0pp%p. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1278>. Acesso em: 28 out. 2023.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference-New edition*. Princeton University Press, 2000.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Tinta limón, 2010.
- DABASHI, Hamid. *Can non-Europeans think?*. Bloomsbury Publishing, 2015.
- JULLIARD, Jacques. "A Política". in: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História – novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- KRENAK, A. *Discurso de Ailton Krenak*, em 04/09/1987, na Assembleia Constituinte, Brasília, Brasil. GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 1, p. 421-422, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/162846>. Acesso em: 6 nov. 2023.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Editora Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil: ideias para salvar a humanidade*. Editora Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. Companhia das letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do Bem Viver*. Organização de Bruno Maia. Brasil: Cultura do Bem Viver, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LACERDA, Gustavo Biscaia de. *Introdução à Sociologia Política*. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2016. v. 1. 412p.

GROSFOGUEL, Ramón. *Para um pluri-versalismo transmoderno decolonial*. Tabula Rasa, 2008, 9: 199-216.

GROSFOGUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Sociedade e Estado, 2016, 31: 25-49.

MACHADO, Ricardo. *Por uma história intelectual à margem*. Gavagai-Revista Interdisciplinar de Humanidades, v. 8, n. 2, p. 107-114, 2021.

MACHADO, Irene. [Org.] *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. *Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna*. Civitas-Revista de Ciências Sociais, 2014, 14: 66-80.

NGŨGĨ WA THIONG'O. *Decolonising the mind: The politics of language in African literature*. J. Currey, 1986.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: USP, 2003. Cap 1 e 2, p. 23-81.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Editora Companhia das Letras, 2005.

SKINNER, Quentin. *Significado e interpretação na História das Ideias*. Tempo & Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358-399, jan./abr. 2017.

SETH, Sanjay. *História e pós-colonialismo: ensaios sobre conhecimento ocidental, eurocentrismo e ciências sociais*. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2021.

WASSERMAN, Claudia. *História intelectual: origem e abordagens*. Tempos históricos, 2015, 19.1: 63-79.

DADOS DE AUTORIA

Ramon Nere de Lima

Doutorando em História (bolsista CNPq) pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), vinculado à linha de pesquisa Cultura e Etnicidade. Mestre em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). Atua como pesquisador nos grupos Norte da História: História, Cultura, Sociedade e Ensino e Narrativas transfronteiriças: histórias, identidades, linguagens e culturas nas/das Amazônias, ambos vinculados à Universidade Federal do Acre (Ufac). É filiado à Associação Nacional de História Seção Acre (Anpuh-AC), exercendo a função de secretário-geral no biênio 2024/2026. Integra, ainda, a Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH), o Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte (GELLNORTE) e a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). E-mail: ramonnere99@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3546-1301>.